

Estresse ocupacional em profissionais de enfermagem em um hospital no interior do sul da Bahia-Brasil

Occupational stress in nursing professionals in a hospital in the interior of the south of Bahia-Brazil

Estrés ocupacional en profesionales de enfermería en un hospital del interior del sur de Bahia-Brasil

Sara Souza Lemos¹, Alba Lúcia Santos Pinheiro¹, David Ohara¹.

RESUMO

Objetivo: Analisar a ocorrência do estresse ocupacional nos profissionais da equipe de enfermagem em um hospital de grande porte no interior do Sul da Bahia, Brasil. **Métodos:** Estudo quantitativo, de natureza descritiva–exploratória e transversal, no qual participaram 114 profissionais da enfermagem. Para coleta dos dados utilizou-se a Escala de Estresse no Trabalho, adaptado da Versão de Paschoal e Tamayo. Os dados foram processados através do software IBM Statistical Package for the Social Sciences versão 25.0, onde realizou-se testes estatísticos Shapiro Wilk, Levene, teste t, Qui-quadrado e o Teste Exato de Fisher. Para a correlação entre as variáveis utilizou-se o Coeficiente de correlação de Spearman com significância estatística de $p < 0,05$. **Resultados:** Dentre os participantes 40,4% encontram-se com baixo estresse, 57,9% médio estresse e 0,17% com estresse alto. Não houve significância estatística relacionando o nível de estresse ao sexo, ao estado civil ou existência de filhos. A variável que apresentou significância estatística foi a que refere ao turno de trabalho ($p=0,044$) e a idade ($p=0,025$). **Conclusão:** A enfermagem necessita refletir sobre sua prática profissional e juntamente com a gestão estimular um ambiente laboral mais acolhedor, promover apoio psicossocial, práticas de relaxamento físico e mental.

Palavras-chave: Saúde do trabalhador, Estresse ocupacional, Profissionais de enfermagem, Hospitais.

ABSTRACT

Objective: To analyze the occurrence of occupational stress in nursing staff professionals in a large hospital in the interior of southern Bahia, Brazil. **Methods:** Quantitative, descriptive-exploratory and cross-sectional study, in which 114 nursing professionals participated. For data collection, the Work Stress Scale was used, adapted from the version by Paschoal and Tamayo. Data were processed using the IBM Statistical Package for Social Sciences software version 25.0, where statistical normality tests were performed by Shapiro Wilk, Levene, t test, Chi-square and Fisher's Exact Test. For the correlation between the variables, Spearman's correlation coefficient was used, with a statistical significance of $p < 0.05$. **Results:** Among the participants, 40.4% are with low stress, 57.9% with medium stress and 0.17% with high stress. There was no statistical significance relating the level of stress to sex, marital status or the existence of children. The variable that showed statistical significance was the one referring to the work shift ($p=0.044$) and age ($p=0.025$). **Conclusion:** Nursing needs to reflect on its professional practice and, together with management, encourage a more welcoming work environment, promote psychosocial support, physical and mental.

Key words: Occupational health, Occupational stress, Nurse practitioners, Hospitals.

¹ Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus - BA.

RESUMEN

Objetivo: Analizar la ocurrencia de estrés laboral en profesionales del equipo de enfermería de un gran hospital del sur de Bahía, Brasil. **Métodos:** Estudio cuantitativo, de naturaleza descriptivo-exploratorio y transversal, en el que participaron 114 profesionales de enfermería. Para la recolección de datos se utilizó la Escala de Estrés en el Trabajo, adaptada de la versión de Paschoal y Tamayo. Los datos se procesaron utilizando el software IBM Statistical Package for Social Sciences versión 25.0, donde se realizaron pruebas estadísticas de normalidad de Shapiro Wilk, Levene, prueba t, Chi-cuadrada y prueba exacta de Fisher. Para la correlación entre las variables se utilizó el Coeficiente de correlación de Spearman, con una significancia estadística de $p < 0.05$. **Resultados:** Entre los participantes, el 40,4% están con estrés bajo, el 57,9% con estrés medio y el 0,17% con estrés alto. No hubo significación estadística que relacione el nivel de estrés con el sexo, el estado civil o la existencia de hijos. La variable que mostró significancia estadística fue la referida al turno de trabajo ($p = 0.044$) y edad ($p = 0.025$). **Conclusión:** El profesional de Enfermería necesita reflexionar sobre su práctica profesional y, junto con la dirección, fomentar un ambiente laboral más acogedor, promover el apoyo psicosocial, prácticas de relajación física y mental.

Palabras clave: Salud laboral, Estrés laboral, Enfermeras practicantes, Hospitales.

INTRODUÇÃO

O estresse vem sendo considerado como uma doença relacionada ao trabalho em âmbito mundial. Trata-se de um estado desencadeado por estímulos que interferem no equilíbrio, fazendo com que o indivíduo desenvolva um processo de adaptação, havendo a necessidade de se readaptar às mudanças, levando-o a alterações fisiológicas e psicológicas, como o aumento de secreção de adrenalina e cortisol, produzindo manifestações sistêmicas. O termo estressor, por sua vez, classifica o evento ou o estímulo que provoca ou desencadeia ao estresse (HIRSCHLE ALT, et al., 2019).

O estresse pode se apresentar de forma agudo ou crônica. O primeiro se caracteriza por ser forte, mas efêmero. O segundo pode ser mais brando, porém se prolonga no tempo, levando à cronificação e agravamento de sintomas como: lentidão nas atividades laborais diárias, desinteresse no trabalho, redução do nível da energia, pensamentos negativos, diminuição da capacidade de planejamento e cognitiva. Pode levar até mesmo a depressão e ao suicídio (SOUZA SBC, et al., 2018).

Estresse ocupacional é definido como um estado reacional biológico deletério e caracterizado como um agravamento multifactorial (HIRSCHLE ALT, et al., 2019). Por essa razão, a Qualidade de Vida no Trabalho (QVT) e o estresse ocupacional são temas que vêm despertando crescente interesse na enfermagem, uma vez que as suas relações com o processo saúde-doença dos trabalhadores podem interferir diretamente no absenteísmo e na qualidade da assistência prestada (TEIXEIRA GS, et al., 2019).

O estresse ocupacional acomete os profissionais da equipe de enfermagem, causando alterações na saúde física e psíquica, influenciando na vida social deste trabalhador, podendo gerar consequências tanto individual quanto coletiva, seja no ambiente familiar ou laboral (SANTANA LC, et al., 2020).

O estresse ocupacional acomete os profissionais da equipe de enfermagem, causando alterações na saúde física e psíquica, influenciando na vida social deste trabalhador, podendo gerar consequências tanto individual quanto coletiva, seja no ambiente familiar ou laboral.

O trabalho pode ser fonte de realização, satisfação, meio de crescimento e de sobrevivência, mas, também, torna-se fonte de irritabilidade, angústia, baixa auto-estima e despersonalização. Alguns setores e funções estão mais propícios ao desenvolvimento dessas demandas (RABELO RQ, 2020).

O subdimensionamento das equipes e a escassez de insumos vieram como elementos significativos no aumento das cargas de trabalho dos enfermeiros (SANTOS KMR, et al., 2021). Essa situação, somada aos ambientes com más condições de trabalho, jornadas extensas e baixa remuneração, tem provocado desgaste físico e mental, estresse ocupacional e conflitos com a equipe multiprofissional, além de instigarem um sentimento de desvalorização por parte desses profissionais (BACKES MTS, et al., 2021).

Os trabalhadores da saúde, diariamente em suas atividades laborais, prestam assistência direta ao paciente, podem ser acometidos por diversos problemas de saúde, dentre eles, o estresse ocupacional. O estresse incessante pode desencadear problemas psicológicos de transtornos de ansiedade, medo, ataques de pânico, sintomas pós-traumáticos, angústia psicológica, tendências depressivas, distúrbios do sono, isolamento social, bem como o receio de contaminação pessoal e de seus familiares (KEUBO FR, et al., 2021).

Para tanto, teve como objetivo analisar a ocorrência do estresse ocupacional nos profissionais da equipe de enfermagem que atuam num hospital de grande porte no interior do Sul da Bahia-Brasil.

MÉTODOS

A investigação tem abordagem quantitativa, através de uma pesquisa descritiva–exploratória e transversal. Foi desenvolvida em um Hospital de grande porte no interior do sul da Bahia, nos meses de Abril a Julho de 2021. Trata-se de um Equipamento hospitalar geral adulto de referência em alta complexidade para Neurocirurgia, Cardiologia, Oncologia, Nefrologia, Ortopedia, além de Hospital Dia. Mantém uma Emergência estruturada com atendimento 24 horas, duas Unidades de Terapia Intensiva, sendo uma Coronariana.

Nesse Hospital há um total de 478 profissionais ativos que fazem parte da equipe de enfermagem distribuída nas categorias, a saber: 104 enfermeiros, 368 técnicos de enfermagem e 6 auxiliares de enfermagem, sendo parte desse público os envolvidos na pesquisa.

Os critérios de inclusão no estudo contemplam os profissionais em saúde restritos a atuação na equipe de enfermagem, que estão inseridos e registrados na Consolidação das Leis Trabalhistas, trabalham no hospital há pelo menos 1 ano e que estejam cadastrados na instituição via sistema informações de registros dos trabalhadores e que aceitaram participar da pesquisa com a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. O critério de exclusão são os profissionais que atuam em setores administrativos. Inicialmente foi solicitada a autorização da Instituição para coleta dos dados e acesso ao sistema de registros.

Para a coleta dos dados foi utilizado o instrumento Escala de Estresse no Trabalho (EET) que foi elaborada e validada por Paschoal T e Tamayo A (2004) e adaptada ao estudo. A EET (original) é composta por 23 itens, que abordam fatores estressores variados e reações emocionais constantemente associadas aos estressores. As questões são assertivas, com as quais o participante concorda ou não, em escala tipo Likert de 5 pontos, classificados em: (1) discordo totalmente, (2) discordo, (3) concordo em parte, (4) concordo, (5) concordo totalmente.

Os dados foram interpretados através de análise estatística, inicialmente foram tabulados para a construção do banco de dados através das Planilhas do Excel® e posteriormente fez-se uso do software IBM Statistical Package for the Social Sciences (SPSS versão 25.0), onde foram realizados testes estatísticos. Utilizou-se tanto a estatística descritiva, como análises inferenciais por técnicas de análise de variância, teste de associações, as quais selecionou-se as seguintes variáveis: sexo, categoria profissional, faixa etária, filhos, unidade de atuação, tempo de serviço, turno de trabalho e quantidade de vínculos empregatícios.

A análise da confiabilidade do instrumento foi realizada pela medida da consistência interna, pelo método de Coeficiente de Alfa de Cronbach do instrumento sinalizado, ao qual apresentou valor de 0,94, considerando os 30 itens que compõe o instrumento, classificando-a como “quase perfeita”.

Na análise descritiva foram utilizadas as medidas de tendência central (médias) e dispersão (desvio-padrão) para as variáveis contínuas e frequência relativa (%) e frequência absoluta (n) para as variáveis categóricas. O teste de normalidade de Shapiro Wilk foi utilizado para a análise da distribuição dos dados. O teste de Levene e o teste t para amostras independentes foram utilizados para a análise da homogeneidade das variâncias e para a comparação das variáveis “Tempo de Serviço”, “Tempo no Setor” e o “Escore da Escala Estresse no Trabalho” entre homens e mulheres.

O teste de Qui-quadrado e o Teste Exato de Fisher foram utilizados para as comparações entre as proporções bem como para a análise das associações entre as variáveis categóricas independentes (“Sexo”,

“Estado Civil”, “Idade”, “Filhos”, “Turno”, “Categoria de Tempo de Serviço”) e a classificação da Escala de Estresse no Trabalho. O nível de significância adotado foi o de 5% para todas as análises.

Por se tratar de uma pesquisa que envolve seres humanos, a pesquisa foi desenvolvida em consonância ao que dispõe e orienta a Resolução nº 510 de 2016 do Conselho Nacional de Saúde do Brasil que trata da pesquisa com seres humanos. O projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Estadual de Santa Cruz e aprovado pelo órgão, com o CAAE: 40052920.7.0000.5526.

Neste contexto, evidencia-se o problema de investigação: Quais os fatores que contribuem com a ocorrência do estresse no processo de trabalho dos profissionais de enfermagem que atuam em unidade hospitalar no interior do sul da Bahia-Brasil?

RESULTADOS

As informações sociodemográficas contribuem para o planejamento em saúde e para a tomada de decisão, pois, pode-se verificar se há associação/correlação entre os fatores sociodemográficos e os ocupacionais, com o desencadeamento do estresse no ambiente laboral.

Os dados revelam que houve um predomínio de participantes do sexo feminino (f=99), que corresponde a 86,85% do total e 15 do sexo masculino, correspondendo a 13,15%. A idade dos funcionários variou de 20 a 60 anos, onde 13,15 % (f= 15) tem entre 20 e 30 anos, 53,50% (f= 61) tem entre 31 e 40 anos, 28,95% (f= 33) tem entre 41 a 50 anos e os demais colaboradores têm mais de 50 anos, correspondendo a 4,4% (f=5). Tratando-se do estado civil dos funcionários, 53,50% (f= 61) são casados, 3,50% (f= 4) são separados, 2,65% (f= 3) possuem união estável e 40,35% (f= 46) são solteiros. Em relação a existência de filhos, 73,70% (f= 84) possuem filhos e 26,30% (f=30) não possuem filhos (**Tabela 1**).

Tabela 1 - Distribuição dos dados sociodemográficos dos Profissionais de Enfermagem que atuam em um hospital de grande porte no interior do sul da Bahia.

Variáveis	N	Percentual
Sexo		
Feminino	99	86,85
Masculino	15	13,15
Estado Civil		
Solteiro	46	40,35
Casado	61	53,50
Separado	04	3,50
União estável	03	2,65
Idade		
20-30 anos	15	13,15
31-40 anos	61	53,50
41-50 anos	33	28,95
Maior que 50 anos	5	4,40
Filhos		
Sim	84	73,70
Não	30	26,30

Fonte: Lemos SS, et al., 2022.

Verifica-se que quanto à categoria profissional 52,6% consistiram em profissionais técnicos de enfermagem, 37,8% enfermeiros, 2,6% auxiliares de enfermagem e 7% atuam como coordenadores de enfermagem. Em termos de tempo de serviço, 27 funcionários possuem até 5 anos de serviço (23,7%) nesta respectiva unidade, 64 possuem entre 6 e 15 anos de serviço (56,1 %) e 23 têm mais de 16 anos (20,2%) de atuação nesta respectiva unidade hospitalar. Dentre os 114 participantes da pesquisa, pode-se afirmar que 19 setores foram representados com as abordagens contidas no questionário de avaliação de estresse no trabalho (**Tabela 2**).

Tabela 2 - Distribuição dos Profissionais de Enfermagem que atuam em um hospital de grande porte no interior do sul da Bahia, quanto a variáveis profissionais.

Variáveis Profissionais	N	Percentual
Categoria Profissional		
Técnico de enfermagem	60	52,60
Enfermeiro	43	37,80
Auxiliar de enfermagem	3	2,60
Coordenador de enfermagem	8	7,00
Tempo de serviço na Instituição		
Até 5 anos	27	23,70
6-15 anos	64	56,10
Maior que 16 anos	23	20,20
Setor que atua na Instituição		
Pronto atendimento	17	15,00
Centro cirúrgico	14	12,30
UTI COVID	9	7,90
Centro de Terapia Intensiva	9	7,90
Central de Material Esterilizado	15	13,20
Hemodiálise	10	8,80
Auditoria	6	5,30
Banco de sangue	1	0,90
CCIH	2	1,80
Coordenação de Higienização	2	1,80
Gestão de Leitos	1	0,90
Gerência de Enfermagem	3	2,60
Hemodinâmica	1	0,90
Núcleo de Segurança do Paciente	1	0,90
Quimioterapia	3	2,60
Clínica Médica	4	3,50
Clínica cirúrgica	10	8,80
Enfermarias COVID	4	3,50
Transplante de Órgãos	2	1,80
Turno de Trabalho		
Manhã	32	28,00
Tarde	21	18,40
Noite	11	9,70
Diurno	37	32,50
PL	4	3,50
Escala mista	9	7,90

Fonte: Lemos SS, et al., 2022.

Vale ressaltar que os cinco principais setores, com maior participação dos profissionais que responderam ao questionário, atuam no setor de pronto atendimento da unidade hospitalar, correspondendo a 15% (n=17), seguido da Central de Material de Esterilização com 13,2% (n= 15), do Centro cirúrgico com 12,3% (n=14), seguidas da hemodiálise e clínica cirúrgica, ambas com 08 participantes (8,8%) (**Tabela 2**).

Em relação ao turno de trabalho, vale destacar que nessa respectiva unidade hospitalar em estudo, existem 6 tipos de escalas de trabalho, com carga horária de 6 horas diárias (Manhã ou Tarde), 08 horas e meia para a área administrativa em saúde (Diurno-diariamente), plantões de 12 (seja com Manhã-Tarde ou noturno) e 24 horas corridas ou o tipo escala mista.

Dentre os dados extraídos do questionário, 37 participantes atuam em período diurno (32,5%), no período matutino 28% (n= 32), no período vespertino 18,4% (n= 21), no período noturno têm-se 11 profissionais totalizando 9,7%, seguidos da escala mista com 7,9% e o plantão 24 horas com 3,5% (n=4).

Para análise dos resultados obtidos dos estressores identificados pelos participantes ao responder a Escala de Estresse no trabalho, optou-se por classificar o estresse a partir do escore total de cada indivíduo, considerando a pontuação de um a cinco da EET, conforme **Tabela 3**.

Tabela 3 - Classificação dos níveis de estresse através dos Escores totais do Instrumento da EET.

Pontos de Corte	Intensidade	Frequência Absoluta (N)	Frequência Relativa (%)
1,00 – 2,00	Baixo estresse	46	40,40
2,01 – 4,00	Médio estresse	66	57,90
4,01 – 5,00	Alto estresse	2	0,17

Fonte: Lemos SS, et al., 2022.

Dentre os 114 participantes, foram calculadas todas as pontuações respondidas das 30 questões contidas na Escala de Estresse no Trabalho-Adaptada da Versão de Paschoal e Tamayo (2004), obtendo um valor total e dividindo pelo número de questões, resultando no Escore total, como ponto de corte, ao qual norteia a classificação e intensidade do estresse no trabalho.

Percebe-se, que 40,4% dos profissionais da equipe de enfermagem (n=46), estão no momento com baixo estresse, enquanto 57,9% estão com estresse moderado (n=66) e apenas 2 participantes com estresse alto, alcançando 0,17% (**Tabela 3**).

Os resultados das classificações do estresse ocupacional entre os profissionais da equipe de enfermagem são apresentados primeiramente os dados sociodemográficos, por variáveis individualizadas, com o intuito de comparar as variáveis categóricas e posteriormente descritas as variáveis profissionais.

Dentre esta variável sociodemográfica demonstrada na **Tabela 4**, percebeu-se que o sexo dos participantes não apresentou relacionamento estatisticamente significativo com o estresse no trabalho ($p>0,05$), ou seja, 0,593 conforme o Asymptotic Significance (2-sided).

Tabela 4 - Associação entre as variáveis sociodemográficas / profissionais e o Estresse no trabalho, Hospital no Interior do sul da Bahia.

Variáveis Sociodemográficas/Profissionais	Estresse no Trabalho		Valor de P		
	Baixo Estresse	Moderado/Alto Estresse			
Sexo- Classificação 3	n	%	n	%	
Feminino	39	84,80	60	88,2	0,593
Masculino	7	15,20	8	11,8	
Estado Civil					
Solteiro	15	32,60	29	42,6	0,446*
Casado	29	63,00	33	48,5	
Separado	1	2,20	4	5,9	
União estável	1	2,20	2	2,9	
Idade	n	%	n	%	
20-30 anos	4	8,70	11	16,2	0,025*
31-40 anos	29	63,00	31	45,6	
41-50 anos	9	19,60	25	19,6	
Maior que 50 anos	4	8,70	1	8,7	
Filhos	n	%	n	%	
Sim	33	71,70	51	75	0,698
Não	13	28,30	17	25	
Turno de Trabalho	n	%	n	%	
Manhã	8	17,40	24	35,3	0,044*
Tarde	11	23,90	10	14,7	
Noite	2	4,30	9	13,2	
Diurno	21	45,70	16	23,5	
24hs	0	0,00	4	5,9	
Escala mista	4	8,70	5	7,4	
Tempo de Instituição	n	%	n	%	
Até 5 anos	9	19,60	18	26,5	0,692
6 até 15 anos	27	58,70	37	54,4	
Maior que 16 anos	10	21,70	13	19,1	

Legenda: *Teste Exato de Fisher.

Fonte: Lemos SS, et al., 2022.

Em relação a variável sexo identificou-se que houve um predomínio do sexo feminino, do total de participantes 86,8% (n= 99), estando 88,2% (n= 60) deste total geral com estresse de moderado a alto e 84,8% (n=39) com baixo estresse.

Os profissionais de enfermagem do sexo masculino (n=15), apresentaram em sua maioria moderado e alto grau de estresse (n=8), atingindo 11,8% e 15,2% baixo estresse (n=7), ou seja, o sexo não está relacionado a intensidade do estresse e esgotamento ocupacional.

No que diz respeito ao estado civil dos profissionais da equipe de enfermagem, pode-se enfatizar que não houve significância estatística entre o estado civil e o nível de estresse (p=0,446). Porém, faz-se pertinente ressaltar que neste estudo, os casados obtiveram maior nível de estresse (48,5%) em comparação aos solteiros (42,6 %) (**Tabela 4**). Os profissionais da enfermagem que possuem filhos e principalmente os casados, apresentaram de moderado a alto grau de estresse no trabalho.

A única variável sociodemográfica que apresentou significância estatística foi a idade (p=0,025). Do total da intensidade de estresse considerado moderado/alto entre os profissionais, 45,6% compreendiam os profissionais de 31-40 anos (n=31), seguidos da idade 41-50 anos com 19,6%(n=25), estando os profissionais com 50 anos ou mais, com maior tendência de ter uma intensidade de estresse menor.

A variável que apresentou significância estatística (p=0,044) foi a que refere ao turno de trabalho. Do total da intensidade de estresse considerado moderado/alto entre os profissionais de enfermagem, 35,3% destes atuam no turno matutino.

Os dados descritos demonstram que o turno noturno teve 13,2% (n=9) dos profissionais com moderado/alto estresse, enquanto que o turno matutino e o trabalho diurno tiveram maior probabilidade do desenvolvimento do estresse ocupacional nesta respectiva unidade hospitalar (**Tabela 4**).

Quanto ao tempo de trabalho no setor, não foi observada diferença estatisticamente significativa no tempo médio de serviço entre profissionais do sexo feminino quando comparados aos seus pares do sexo masculino (p>0,05) (**Tabela 5**).

Tabela 5 - Comparação do tempo no setor entre profissionais de enfermagem do sexo feminino e masculino.

Sexo	N	%	p
Feminino	99	86,85%	*0,052
Masculino	15	13,15%	

Legenda: * Teste t para amostras independentes.

Fonte: Lemos SS, et al., 2022.

DISCUSSÃO

Em relação às variáveis sociodemográficas, há predominância do sexo feminino nas atividades desenvolvidas na assistência de enfermagem. Em concordância com estes dados abordados, estudos revelam que as profissionais de enfermagem possuem dupla carga de trabalho, atuando em trabalhos externos e também no seu lar, como mãe e esposa, ficando sobrecarregadas com o acúmulo de tarefas e atribuições que colabora para o surgimento de estresse (GRISON P, et al., 2020).

Pesquisa em um hospital universitário de Belo Horizonte–Brasil, aponta que a mulher possui maior propensão ao estresse e comparando os níveis de estresse ocupacional com o estado civil, observou-se que a maioria dos pesquisados classificados no nível baixo de estresse são solteiros e os de níveis moderado e alto de estresse ocupacional possuem estado civil casado. Em suma, nota-se também que a maior parte dos funcionários classificados no nível moderado de estresse ocupacional não possuem filhos ou possuem apenas um filho. Observa-se novamente que fatores relativos à vida pessoal e familiar que podem interferir no desenvolvimento ou agravamento do quadro de estresse em níveis moderado, uma vez que a maioria dos respondentes que não possui filhos também são aqueles que apresentam nível baixo de estresse ocupacional (RIBEIRO KV, 2017).

A inserção da mulher no mercado de trabalho não a excluiu de continuar exercendo suas atividades no lar e nem trouxe limitações em relação ao seu papel feminino no convívio familiar. As responsabilidades atribuídas às mulheres e aos homens na sociedade estruturam diferentes tipos de vivências sociais, seja no contexto de trabalho externo assalariado ou sem remuneração (atividade interna no lar-cuidado com os filhos e família), estabelecendo assim níveis de exposição e riscos ocupacionais distintos (LUA ID, et al., 2018).

Desse modo, o estresse ocupacional pode ser desencadeado por jornadas excessivas de trabalho, decorrente de acúmulos de vínculos laborais. Estudo sobre o estresse no trabalho em enfermagem, aponta que a junção de múltiplas atividades exercidas pela classe feminina, acaba por produzir sentimento de culpa e frustração, uma vez que não consegue cobrir todas as demandas estabelecidas no seu dia a dia, a exemplo de dar assistência adequada aos filhos, familiares e também a profissão (LUA ID, et al., 2018). Sendo assim, corroboram com a afirmação contida na Tabela 4, de que os profissionais da enfermagem que possuem filhos e principalmente os casados, apresentaram de moderado a alto grau de estresse no trabalho.

Em recentes evidências de estudos realizados no Peru mostram a ocorrência de enfermeiras com problemas de ansiedade, depressão e estresse, apesar do fato de serem poucos os instrumentos de detecção de problemas de saúde (HUARCAYA VJ, 2020). Diferentes estudos referem impacto da pandemia na saúde mental, demonstrando que ser mulher é um fator de vulnerabilidade ao COVID-19 e isso é ainda mais agravado quando as mulheres trabalham na linha de frente de cuidado (LOZANO VA, 2020; OZAMIZ-ETXEBARRIA N, et al., 2020).

Como comprovam pesquisa realizada no Brasil, a frequência de estressores ocupacionais foi mais elevada entre os profissionais que possuem entre 30 a 49 anos. Estudos afirmam que profissionais com idade mais elevada possuem autoconfiança e maior segurança para desempenhar suas funções e enfrentar os agentes estressores do cotidiano laboral. Entretanto, uma pesquisa³ aponta o contrário, referindo que o envelhecimento, o desgaste fisiológico e o surgimento de doenças crônicas não transmissíveis estão associados à inadequação desses profissionais às rotinas do setor, tomando-os mais vulneráveis ao estresse (OLIVEIRA EB, et al., 2017).

Técnicos e enfermeiros lidam diuturnamente com a falta de insumos físicos (curativos, gaze, medicamentos entre outros) e humanos os quais são fatores primordiais para o desenvolvimento do estresse agudo ou crônico que corrobora com a ansiedade, insônia, alienação, angústias (SOUSA CNS, et al., 2020), além do absenteísmo, piora da qualidade de vida, da insatisfação laboral o que contribui para o aumento das doenças cardiovasculares.

A investigação comprovou a associação negativa entre o nível de estresse e atuação no turno da manhã, explica-se esse fato pela maior demanda de trabalho, em geral, ocorrer nesse turno. Contrariando os estudos Vasconcelos EM, et al. (2018), que identificaram relação entre os turnos de trabalho noturnos e o desenvolvimento da Síndrome de Burnout.

O técnico de enfermagem é o profissional que possui maior contato direto com o paciente, em função de suas atividades assistenciais em saúde, aumentando a probabilidade de vivenciar situações estressantes. Os trabalhadores de enfermagem por serem majoritariamente da classe feminina, estão mais predispostas ao desenvolvimento do estresse ocupacional, em função da dupla ou tripla jornada de trabalho (trabalho-casa), plantões noturnos, relações interpessoais comprometidas, diferenciadas chefias e setores, gerando efeitos negativos na saúde do trabalhador (SCHOLZE AR, et al., 2017).

Em uma pesquisa realizada na China, revela que outra fonte de preocupação está relacionada à carga de trabalho, uma vez que fatores sociais, psicológicos e comportamentais afetam a vida diária e força de trabalho da enfermagem, além disso, eles são os que são mais propensos a experimentar emoções negativas devido ao alto risco de transmissão da COVID-19 (LIU N, et al., 2020).

Bardaquim VA, et al. (2020) relatam que, dentre os profissionais da área da saúde, os profissionais da enfermagem são os que mais adoecem, devido ao estresse ocupacional, incluindo reações fisiológicas e psicológicas, transtornos mentais, acidentes de trabalho, afastamento do trabalho e até mesmo altas taxas de suicídio. Nos aspectos materiais, podem ser citados: a exposição biológica (contato com manipulação

de material do paciente contaminado como fluidos, secreções diversas, além dos utensílios utilizados para a realização destes procedimentos), química (manipulação incorreta, de fármacos e substâncias contaminantes), física (radiações, mudanças de temperatura, umidade), fatores ergonômicos (altura das camas, macas, longas minutos e a postura quase imóvel por longo tempo em uma posição desgastante conforme as necessidades dos procedimentos, dentre outros.

Huang JZ, et al. (2020), afirmam que tanto a ansiedade quanto o estresse têm um impacto significativo no pessoal de saúde. Anchante SMM (2017), observou que há uma relação significativa entre um estilo de vida saudável e o estresse no trabalho, ou seja, menos prevalência de estilos de vida saudáveis; maior incidência de estresse no trabalho.

Estudo realizado no Hospital de Alta Complejidad Virgen de la Puerta no Perú, afirma que o profissional de enfermagem tem um estilo de vida saudável, porém com um nível médio de estresse no trabalho, o que é necessário considerar a fim de evitar complicações futuras. Atualmente com o impacto da COVID-19, ocorre mudança no estilo de vida da equipe de enfermagem, muitas vezes causado pelo aumento do estresse no trabalho (REYNA PLL, et al., 2021).

Há fatores que poderiam prever as manifestações de ansiedade ao profissional de enfermagem, a preocupação pela COVID-19 e a carga de trabalho, o primeiro, refere-se ao sentimento quanto à possibilidade de adoecer, situação que no Peru é recorrente devido à realidade crítica do sistema de saúde, já que a pandemia expôs o mau estado de hospitais, falta de materiais, laboratórios insuficientes, déficit de especialistas, dentre outros fatores (MAGUIÑA VC, et al., 2020).

Assim, essa pesquisa apresenta como ponto forte o uso de uma estatística mais robusta para a compreensão dos fatores que contribuem para a ocorrência do estresse ocupacional para a equipe de enfermagem do hospital em estudo, entretanto, reconhece-se que outras investigações devam ser desenvolvidas, inclusive com abordagem qualitativa para um aprofundamento ainda maior sobre o tema. Entretanto, tem-se clareza que em outros ambientes hospitalares diversos fatores estressores identificados nesse estudo também ocorrem naquelas realidades.

CONCLUSÃO

Diante do exposto, o estudo destaca o nível de médio de estresse dos profissionais de enfermagem e os fatores que o potencializam, como turno de trabalho, idade, estado civil, dentre outros. Portanto, cabe aos profissionais ir a busca de melhores condições de trabalho. A gestão hospitalar deve propiciar um ambiente laboral mais acolhedor, promovendo apoio psicossocial, adotar práticas alternativas complementares de relaxamento físico e mental. Enfim, é um desafio a ser enfrentado pelos próprios trabalhadores e associações de classe profissional, debater sobre a redução dos fatores estressores no trabalho, exercitar o autocuidado e a melhoria da sua qualidade de vida.

REFERÊNCIAS

1. ANCHANTE SMM. Estilos de vida saludable y estrés laboral en enfermeras de áreas críticas (Tesis en Gestion de los Servicios de la Salud). Escuela de Posgrado Universidad César Vallejo, Perú, 2017; 130p.
2. BACKES MTS, et al. Condições de trabalho dos profissionais de enfermagem no enfrentamento da pandemia de Covid-19. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 2021; 42: 1-8.
3. BARDAQUIM VA, et al. Estresse e níveis de cortisol capilar entre a equipe de enfermagem. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 2020; 73(supl.1): e20180953.
4. GRISON P, et al. Disposição afetiva para o cuidado na recuperação: o cotidiano da equipe de enfermagem. *Revista SOBEC*, 2020; 25(3): 159-70.
5. HIRSCHLE ALT, et al. Estresse e bem-estar no trabalho: o papel moderador da regulação emocional. *Revista Psicologia Organizações e Trabalho*, 2019; 19(1): 532-40.
6. HUANG JZ, et al. Pesquisa de saúde mental da equipe médica em um hospital terciário de doenças infecciosas para COVID-19. *Jornal Chinês de Higiene Industrial e Doenças Ocupacionais*, 2020; 38(3): 192-195.
7. HUARCAYA VJ. Consideraciones sobre la salud mental en la pandemia de COVID-19. *Revista Peru Med Exp Salud Pública*, 2020; 37(2): 327-34.

8. KEUBO FR, et al. Psychological distress among healthcare professionals of the three COVID-19 most affected Regions in Cameroon: prevalence and associated factors. *Ann Med Psychol. Paris*, 2021; 79: 141–146.
9. LOZANO VA. Impacto de la epidemia del Coronavirus (COVID-19) en la salud mental del personal de salud y en la población general de China. *Revista Neuro-psiquiatria*, 2020; 83(1): 51-56.
10. LIU N, et al. Prevalence and predictors of PTSS during COVID-19 outbreak in China hardest-hit areas: Gender differences matter. *Psychiatry Res*, 2020; 287: 112921.
11. LUA ID, et al. Factors associated with common mental disorders among female nursing professionals in primary health care. *Revista Psicologia: Reflexão e Crítica*, 2018; 31: 20.
12. MAGUIÑA VC. Reflexiones sobre el COVID-19, el Colegio Médico del Perú y la Salud Pública. *Acta Medica Peru*, 2020; 37(1): 8–10.
13. OLIVEIRA EB, et al. Estresse ocupacional e burnout em enfermeiros de um serviço de emergência: a organização do trabalho. *Revista de Enfermagem*, 2017; 25: e28842.
14. OZAMIZ-ETXEBARRIA N, et al. Niveles de estrés, ansiedad y depresión en la primera fase del brote del COVID-19 en una muestra recogida en el norte de España. *Caderno de Saúde Publica*, 2020; 36(4): e00054020
15. PASCHOAL T, TAMAYO A. Validação da Escala de Estresse no Trabalho. *Estudos de Psicologia*, 2004; 9(1): 45 -52.
16. RABELO RQ. Qualidade de vida no trabalho: reflexões críticas a respeito do trabalho de enfermagem na urgência e emergência em hospital público de grande porte. *Dissertação (Mestrado em Saúde ambiental e Saúde do Trabalhador) - Universidade Federal de Uberlândia*, 2020; 121p.
17. REYNA PLL, et al. Relación entre estilo de vida y estrés laboral en el personal de enfermería en tiempos de COVID-19. *Revista Cubana de Enfermagem*, 2021; 37: e4043.
18. RIBEIRO KV. Estressores ocupacionais e níveis de estresse em enfermeiros de unidades de internação clínica. *Dissertação (Mestrado em Ciências Biológicas e da Saúde) – Programa de Pós-graduação em Enfermagem, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro-UFRJ*, 2017; 91f.
19. SANTANA LC, et al. Occupational stress in nursing professionals of a university hospital. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 2020; 73(2): e20180997.
20. SANTOS KMR, et al. Depressão e ansiedade em profissionais de enfermagem durante a pandemia da covid-19. *Escola Anna Nery*, 2021; 25: e20200370.
21. SCHOLZE AR, et al. Occupational stress and associated factors among nurses at public hospitals. *Cogitare Enfermagem*, 2017; 22(3): e50238.
22. SOUSA CNS, et al. Análise do estresse ocupacional na enfermagem: revisão integrativa. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, 2020; (52): e-3511.
23. SOUZA SBC, et al. Análise do grau de complexidade do cuidado, estresse e coping da enfermagem num hospital sul-riograndense. *Texto & Contexto Enfermagem*, 2018; 27(4): e4150017.
24. TEIXEIRA GS, et al. Qualidade de vida no trabalho e estresse ocupacional da enfermagem em unidade de pronto atendimento. *Texto & Contexto Enfermagem*, 2019; 28: e20180298.
25. VASCONCELOS EM, et al. Burnout e sintomatologia depressiva em enfermeiros de terapia intensiva: análise de relação. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 2018; 71(1): 135-41.